



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

História

História de Vida





Tags

- [cidades](#)
- [telecomunicações](#)

História completa

PESSOAL

Nome e nascimento Meu nome é Dilson Nascimento, nasci em 29 de setembro de 1938, em Uberaba. Pais Meu pai é Walter Nascimento e minha mãe é Emília Bianchi Nascimento. Meu pai era mecânico de automóveis aqui em Uberaba mesmo. Minha mãe era costureira e dona-de-casa. Avós Eu conheci meus avós, mas não me lembro mais dos nomes com detalhes. Por parte de mãe, eu tinha um avô italiano, calabrês. Minha avó era de Uberaba mesmo. Por parte de pai, era tudo de Uberaba. Conheci todos, mas eu era criança. Irmãos Eu tinha dois, mas um já faleceu. Éramos três, mas um já faleceu. Casamento Eu conheci a minha mulher na CTBC, ela trabalhava lá, era advogada. O nome dela é Elma Barbosa. A Elma faleceu em 1981. Tivemos três filhos: Walter, Cristiano e Rúbia. São universitários, todos os três. Casa de infância Eu nasci lá no bairro da Abadia, na rua Castro Alves. Depois, terminei minha infância na Afonso Rato, bairro das Mercês. Essa casa era tipo um chalezinho. Ela tinha uma sala, dois quartinhos e o banheiro era no quintal. Era fossa, antigamente não tinha rede de esgoto. Naquela época era pobreza mesmo. O piso era de tijolo, às vezes, de chão batido. Primeira infância A brincadeira era brincar de pique, bolinha de gude, papagaio, essas coisas. Não tinha essas brincadeiras de hoje. Uma coisa se chamava salto mutum: um ficava agachado e o outro pulava por cima. Era esse tipo de brincadeira. Todo o dia à tarde tinha reunião. Na esquina tinha um poste, e era o lugar da gente jogar bolinha de gude. Batia a bolinha no poste.

EDUCAÇÃO

Primeira escola A minha primeira escola foi o Grupo Escolar Brasília, em Uberaba. Formação escolar A segunda escola foi o Colégio Santa Catarina, particular. Depois, eu estudei no Colégio José Ferreira, no Colégio Cristo Rei, e na Escola de Química e Agrimensura de Uberaba. Eu estudei também na Escola Normal. A escolinha tinha uma professora que marcou a minha memória, que se chamava Dona Santinha, era descendente de alemães e era brava feito uma danada. Essa me marcou, porque ela dava porretada na gente. Foi minha professora na Escola Normal. Eu pensava em ser piloto, mas professor, nunca. Eu estava fazendo química, mas fui só até o terceiro ano e parei.

CORPORATIVO

Primeiro emprego Meu pai teve oficina em vários lugares. Teve na rua Coronel Machado Borges, uma oficina até muito grande, teve na avenida Guilherme Ferreira. Com meus 12 anos eu já era fuçador. Agora, trabalhar com responsabilidade, com meus 15 anos eu já trabalhava. Eu era um auxiliar dele. Se precisasse segurar uma chave, uma porca, um trem assim. E eu fui aprendendo com o tempo. Um auxiliar de mecânico, a única coisa que ele faz, inicialmente, é ficar lavando peça ou ficar segurando uma chavinha, uma porca do outro lado. Não tem jeito de fazer outra coisa, porque, para você tomar a iniciativa, é uma coisa mais séria. Só com o tempo para começar a tomar iniciativa e fazer alguma coisa. Éramos ele, mais dois mecânicos e eu. Depois dos meus 15 anos, por aí, eu passava o dia todo na oficina e estudava à noite. Para mim não tinha escolha, tinha que fazer de tudo. Depois, com o tempo, você vai adquirindo experiência. Aí você já não faz aquelas porcarias, você já gosta de fazer uma coisa

mais fina, mexer com um distribuidor de um carro, um carburador, em vez de ir lá trocar mola de carro, essas coisas. Meu pai tinha paciência para ensinar, ele era muito calmo. Depois, com o tempo, ele abandonou, comprou um caminhão velho e começou a mexer com caminhão, e aí eu fui ser motorista também. Eu fui ser motorista, comecei a trabalhar com caminhão. Depois fui para Brasília, fiquei lá três anos trabalhando. Eu comecei aqui, mas trabalhando com caminhão, com transporte para fora. Eu fui para o Nordeste, fui para o Rio, São Paulo. Eu estava com meus 21, 22 anos, 23, por aí. Trabalhava de empregado. Uma viagem para São Paulo, por exemplo, levava mais de meio dia, porque eu trabalhei mais de carregar carga viva, carregar boi naqueles caminhões de carroceria longa. Era meio trabalhoso, porque tinha que descer aqueles bichos todo dia, pôr no caminhão no outro dia cedo, e levava muito tempo, porque você tinha que andar devagar, não podia correr. Daqui a Recife eu levei 13 dias de viagem. Voltei em três, porque eu vim vazio. Todo dia o senhor tem que desembarcar o gado, e existem os pontos que se chamam pontos de pouso. Então, todo dia, à tardezinha, a gente pára naquele ponto e descarrega. Quando tem que dar ração, você dá. Quando é regime de pasto, solta no pasto, quando tem pasto do bom. No outro dia de manhã, põe tudo no caminhão de novo. Eu tinha um ajudante, sozinho não dá para fazer. O risco era só de quebrar. Porque, às vezes, você dava uma freada por necessidade e uma rês caía e quebrava uma perna, mas isso era o risco. O gado que eu levava era gado de raça. Era na época do zebu mesmo, não é, gado gir. Trabalhava com gir. Era gado de fazendeiros, que você levava para as exposições. A gente ia uns dias mais cedo para poder recuperar. Chegava lá, punha trato neles e eles se recuperavam rápido. E quando vendia tudo, voltava. Quem fazia a venda era o proprietário. Normalmente, ele não ia com a gente, ele ia no carro dele. Não havia a possibilidade de pegar uma carga para trazer, para aproveitar a viagem, era muito raro, porque já saía de lá pensando em ir para outra exposição. Então, se fosse pegar carga ia demorar, atrapalhava. Além do Nordeste e São Paulo, eu costumava ir com frequência para Belo Horizonte, eu fazia exposição lá também. E também fui muito para Goiás. As estradas não eram boas, só terra mesmo. Daqui, você ia para o Nordeste, você ia até a Divisa Alegre com asfalto ruim. De lá para frente, era terra pura. Eu trabalhei com caminhão Studbaker, Mercedes "Cara Chata", Alfa Romeo, International KB-7. Você não conheceu nada disso... Eu mesmo dava assistência ao caminhão, eu não gastava com mecânico. Raramente ia na oficina, só quando tinha que levantar alguma coisa muito pesada. O que acontecia muito era quebrar mola, porque era buraco demais, e furar pneu, mas o resto era normal. Ia trocar, quando não tinha, mandava fazer. Naquela época, havia os paraibas no Brasil inteiro, eles faziam mola. Faziam na hora para você. Chamavam-se molas paraibanas. Eu trabalhei como caminhoneiro até quando eu entrei na Etusa, em 1967. Manutenção Eu fui trabalhar na manutenção, fui aprender primeiro. Eu tinha um amigo que estudava medicina, e ele começou a me ensinar. Então, às vezes, eu trabalhava o dia inteiro e, à noite, ia para lá para ele me ensinar, porque os outros dois eram meio egoístas, eles estavam com medo de eu tomar o lugar deles na chefia e não me ensinavam, não deixavam eu aprender. Então, à noite, eu ia para lá aprender, trabalhava dia inteiro e, à noite, ia para lá para ele me ensinar. Depois, ele se formou, saiu, e eu fui para o lugar dele, já sabendo alguma coisa. Depois, eu passei a ser o chefe deles. Eles ficaram bravos, mas não adiantou. Os outros já tinham 20 anos de casa, eu cheguei e, com um um ano e pouquinho, dois, já passei para a chefia. Eles ficaram bravos para danar. A central ficava naquele predinho onde é a Telemática hoje, onde vendem celular. Era uma central eletromecânica, barulhenta feito uma danada. Nós tínhamos dois tipos de central: uma OS, central de passos, e uma GF. Depois, quando passou para o prédio novo, aí foi a ARF 101. A rotina era manutenção, fazer limpeza, quando era eletromecânica. Era limpeza e defeito que aparecia. E os testes, porque a central mais nova, a gente tem um carrinho, que a gente chama de robô. Se a gente pôr ele para trabalhar, ele vai trabalhando, fazendo chamada uma atrás da outra. Quando a chamada tem algum, ele pára. Tem até um alarme lá para a gente. A gente vai lá ver, segue a chamada, vê onde é que parou e vai corrigir o defeito. E tinha que limpar contato, trocar. O maior problema que tinha era sujeira. Nós tínhamos um ar condicionado muito ruim, e ele jogava muita poeira para dentro da central. Inicialmente, era só eu e mais um. Com o tempo, foram aumentando as linhas, lá só tinha 5 mil linhas. Quando passou para dez, eu contratei mais um. E quando estava no finzinho, já havia oito elementos trabalhando comigo.

CTBC

Ingresso CTBC Para mim, foi um processo normal. Eles compraram as ações da Dona Anita, depois do Dr. Alexandre, e acabaram tomando conta. Mas, mesmo assim, ela ficou só como administradora. Eu continuei na minha carteira como Etusa. A CTBC era simplesmente a administradora, porque, na época, não podia transferir. Depois, com o tempo, arranjaram um jeito lá, e aí transferiu para a CTBC. Reestruturação A mudança na relação de trabalho começou a aparecer quando começou a entrar essa história de direitos humanos, talentos humanos, não sei o quê humanos. Aí a coisa começou a complicar um pouquinho. Vieram as idéias novas, aquelas coisas, e começou a complicar. Foi quando houve aquele período de reestruturação. Perturbou mais quando veio o Virmondes. Foi ele quem perturbou mais a vida da turma, porque ele começou a exigir demais. E, de repente, a turma não estava preparada para aquilo. Se você muda o clima de repente, as pessoas sentem mais. Eu acho que tinha que ser mais macio. Ele já chegou com aquela mania de mandar embora: "De qualquer jeito a gente manda embora; cedo, tarde". E não tinha hora para nada. A turma trabalhava com medo. Era ruim, o ambiente ficou ruim. Você ia lá, assistia reunião todo dia, uma atrás da outra, você não trabalhava mais. Chegou num ponto em que eu não agüentava reclamar: "Que hora que eu vou trabalhar? Eu só vejo reunião, reunião cedo, de tarde, de noite, não pode. Eu tenho que trabalhar, a central está com defeito, tem defeito para tirar". Mas não adiantava, era uma tal de reunião. Isso foi até quando eu me aposentei. Estava pior ainda, porque eu peguei esses coordenadores bem chatos. Aí que a coisa complicou mesmo. Quer dizer, os coordenadores de Uberaba. A turma chamava Uberaba de curva de rio, porque tudo que era trem ruim eles mandavam para cá. Isso afeta o trabalho de qualquer um. Isso acontecia ontem, e se visse hoje, acontecia a mesma coisa, reflete. Porque a pessoa não trabalha satisfeita. Eu me aposentei, continuei trabalhando, e chegou num ponto em que os coordenadores começaram a encher tanto a paciência, que eu pedi para acertar. Eu podia ter continuado, mas não agüentava mais. Eu continuava trabalhando na central. A central digital eu já não acompanhei muito. Sabia fazer alguma coisinha, porque eu não fiz curso dela, nem nada. Inclusive, o Dr. Weber queria que eu fizesse o curso, mas eu vi que a coisa não ia dar certo e eu falei para ele: "Vocês vão gastar dinheiro com curso à toa, porque eu não estou agüentando mais isso aqui". Eu já tinha me aposentado havia três anos e continuei trabalhando na mesma função, sempre na central. Saída da CTBC Na tecnologia eu sempre fui avançado. Eles trocaram a central há pouco tempo. Eu queria que eles trocassem isso há dez anos atrás, eles não me escutaram. Depois, chegaram à conclusão que tinha que trocar, não tinha outro jeito. Se você trabalhar num ambiente ruim, você não consegue. Você já está com idade, já está cansado, não dá. Sair, para mim, foi muito bom. Sinceramente, foi bom. Fui tomar conta dos filhos mesmo. Associados Como eu já estou afastado há um bom tempinho, é até difícil fazer um comentário sobre qualquer coisa. Porque eu não conheço mais ninguém lá dentro da CTBC. O resto da turma, mandaram todo mundo embora. É aquela história: contratação de mão-de-obra barata, porque os que estavam lá tinha uma mão-de-obra cara. Então, substituíram pela barata. Outro dia eu fui lá e não vi ninguém, simplesmente não vi ninguém. Então, fica difícil você falar qualquer coisa, você não tem nem jeito de comentar, porque você não tem mais ninguém lá dentro. EMPRESAS Empresa Telefônica de Uberaba (Etusa) Eu fui parar na Etusa por meio de um amigo meu, que trabalhava na Telemig. Ele ficou

sabendo que havia uma vaga lá de motorista e eu fui parar lá. Trabalhei três anos como motorista e treinando na rede. Eu era motorista mesmo. Era registrado como motorista. Eu fazia por minha conta porque eu queria ir aprendendo. Eu não tinha obrigação de fazer. Aí saiu uma pessoa da central telefônica, e perguntou para a turma toda: "Quem quer substituir o camarada?". Todo mundo ficava: "É complicado demais. Eu não vou, eu também não vou". Eu já estava trabalhando na rede, aí eu falei: "Não, eu vou". Eu fui, e fiquei até me aposentar. Eu dava assistência, emendava cabo, fazia instalação telefônica, essas coisas assim. Mas foi por pouco tempo. COMUNIDADES Alexandrino Garcia Ele era meio durão, rigoroso, mas quando ele prometia alguma coisa, ele cumpria, ele não te enrolava não. Mas ele era meio durão. E meio pão duro também. Catador de parafuso enferrujado. Ele saía com a gente nessas linhas físicas e saía catando os parafusos nos pés dos postes. Ele falava assim: "Chega lá, passa um oleozinho, pega uma chave, uma porca, dá uma amolecida nele que ainda serve, viu?". Ele era fogo. Mas eu tive pouco contato com ele. Depois, veio a doença dele, e ele deixou de ir lá. Aí o Dr. Luiz passou a ir mais frequentemente. Luiz Alberto Garcia Luizão, o homem do braço cabeludo. A gente o chamava assim. Mas a relação era muito boa, em todo o lugar que a gente estava. Ele só tinha um defeito. Ele vai escutar, ele vai ver isso aí, não é? Ele fazia a gente passar apertado, porque, às vezes, ele ia no lugar que você estava e você estava com pouco dinheiro. Ele chegava e se hospedava junto com você, comia lá, tudo, depois falava: "Acerta aí que eu estou indo embora". E você não tinha dinheiro, ficava lá todo enroladinho. Ele não carregava dinheiro no bolso, esse era o problema. Aí pedia por telefone, dava um jeito. Manda dinheiro que eu estou na pior aqui. Se não, não posso sair do hotel. Ele vinha aqui em Uberaba muito pouco, então, não participava muito das frentes de trabalho. Mas ele, quando era mais novo, era meio doidão também. Um dia, a gente estava passando um cabo, e o cabo endureceu, tentou lá dentro do buraco e não andava. Ele chegou, a gente tinha um Jeep Willys, aqueles antigos. Ele foi lá e amarrou esse cabo de aço no Jeep. O Sr. Manoel Hernandez, que era o chefe de rede na época, falou: "Dr. Luiz, não vai não que vai arrebentar o cabo". "Que, arrebentar nada" "Não vai, Dr. Luiz." Ele botou tração nas quatro rodas do Jeep e não deu outra: ficou metade do cabo dentro do buraco, a outra metade veio. Aí ele foi embora, não voltou. Foi embora arrastando aquele cabo. Nos deixou lá até sem o Jeep. Anita Cunha Campos A Dona Anita era uma pessoa simplesmente maravilhosa. Na minha época, ela não chegou a me dar alguma coisa, mas, para os meus amigos, ela deu casa para todo mundo. Dava assim: o camarada comprava o terreno e ela dava tijolo, depois dava o telhado, a laje. Ela tinha o coração muito bom. Tinha um sobrinho dela que era sócio, o Alexandre Cunha Campos. Esse morava em São Paulo, e ela, no Rio. Ela vinha de 15 em 15 dias. Ela vinha de ônibus, porque ela tinha medo de andar de avião. E ele, eu tinha que buscar em São Paulo. A mãe dele tinha um Mercedes, ela o pegava em São Paulo, trazia, depois levava de novo e voltava de ônibus. Eu ia buscar o Sr. Alexandre normalmente a cada 15 dias, mas tinha vezes que uma semana depois já me chamavam de volta. Com o Mercedes eu levava cinco horas para chegar em São Paulo. Depois, ele comprou um Mustang, e eu ia em 4 horas e 20. Na época, já tinha a pista simples. Até para a frente de Pirassununga um pouco. Era pista simples, mas, normalmente, eu só viajava à noite, então, o tráfego era pequeno. Agora, depois de Pirassununga, Campinas, é que pegava pista dupla. Aí o pau quebrava feio. É que o carro era bom. Naquela época, o Mustang tinha 170 cavalos, hidráulico. Tinha que correr mesmo, não tinha outro jeito. Era a gasolina azul. A Dona Anita gostava de bater papo. Eu ia muito para Uberlândia. Toda vez que ela ia para Uberlândia, eu é que a levava também. E era muito bondosa. O Alexandre, na estrada, quase não conversava, porque ele dormia. Ele tinha um travesseirinho cheio de ar e ele dormia daqui lá, só acordava quando eu dava uma freada meio brava, ele acordava assustado. Mas tinha uma mãe, a mãe dele era maravilhosa. A pessoa que mais deu gorjeta na minha vida foi ela. Ela punha dinheiro, mas punha dinheiro grosso no bolso da gente. Vamos dizer, hoje, ela falava para ir ao cinema, ela punha 100 paus no bolso, no preço do cinema hoje. Ela falava: "Vai descansar, vai no cinema". Ela tinha um apartamento no fundo da casa dela, eu ficava lá. A casa da mãe dele ficava num bairro dos ricos, mas eu não me lembro o nome. Era perto da Vila Mariana, mas eu não lembro o nome mais. Era Aclimação, isso mesmo.

MEMÓRIA

Futuro Eu acho que a telefonia é o melhor negócio que existe. Pelo menos no Brasil. Porque é um dinheiro garantido, lá não tem fiado, tem que pagar mesmo, se não, não usa. Essa parte de telefonia, rede de água, energia elétrica, isso daí não tem jeito, é o melhor negócio do mundo. Sonhos Eu acho que o homem nunca deve parar. Agora me eu me libertei, porque os meninos saíram todos de casa, eu estou sozinho, agora eu estou mais para pescaria do que para tudo. Até pouco tempo, eu estava indo muito em forró, mas hoje, como o ambiente está ruim demais nos clubes, então abandonei um pouco. De vez em quando eu vou, mas eu não falhava não, todo o sábado eu estava lá. Mas agora eu maneirei um pouco, porque você não pode nem andar na rua mais, estão te atacando por causa de dez reais. Então, eu vou no Rio Grande mesmo, aqui pertinho, faço, pá, e volto. Hoje mesmo eu vou, só volto domingo. O que cair na rede é peixe. Eu não gosto de peixinho muito pequeno. Agora não está tendo é nada. A gente vai de teimoso. Construíram muita usina, e o peixe não está transitando, virou lagoa e o peixe está acabando. Porque, de um lado, o peixe não sobe, do outro, ele não desce. Eu tenho amigos que têm rancho, eu não tenho rancho. Normalmente, eu pego carona nos ranchos deles. Quando dá para trazer o peixe, eu trago, quando não dá... Peixe pequeno eu não trago não, dou tudo para os outros lá mesmo. Hoje é só piau, tem CD, não sei se você conhece. CD é um pacuzinho redondo, ele parece um CD, colocaram o apelido nele de CD. Mandi, corvina, esses peixes. Tem a caranha, mas isso aí para pegar tem que dormir dentro da canoa, e eu não durmo. Tem que pescar à noite. A caranha é das grandes. Eu comeci há pouco tempo. Eu larguei o forró e passei para a pescaria. Eu parei de pescar quando eu era rapazinho; eu pescava muito. Mas eu tinha a minha menina, que morava comigo, e eu não tinha jeito de sair de casa. Eu comeci agora há pouco tempo, porque agora não tenho ela para estar olhando. Tinha que levá-la na escola todo dia e buscar, agora eu não tenho. Centro de Memória Eu me senti bem. Eu até não gosto muito disso, para ser sincero. Mas eu vim dar uma contribuição. Eu não sou muito de ir em reunião, dessas coisas. Até a menina me chamou, foram vocês que me chamaram? Eu até achei que iam me entrevistar para a televisão. O tal do Luiz Gonzaga me encheu a paciência. Eu perguntei: "É para a televisão?". Se falasse que era eu não vinha, porque eu não gosto. "Não, é um documentário que estão fazendo para a empresa mesmo."